

Aula 10

*BNB (Analista Bancário) Passo
Estratégico de Português - 2023
(Pré-Edital)*

Autor:
Carlos Roberto

15 de Setembro de 2023

1 - Apresentação	2
2 - Análise Estatística	2
3 - Roteiro de revisão e pontos do assunto que merecem destaque	3
3.1 – <i>Presente do modo indicativo</i>	3
3.2 – <i>Pretérito imperfeito do modo indicativo</i>	4
3.3 – <i>Pretérito perfeito do modo indicativo</i>	5
3.4 – <i>Pretérito mais que perfeito do modo indicativo</i>	5
3.5 – <i>Futuro do presente do modo indicativo</i>	6
3.6 – <i>Futuro do pretérito do modo indicativo</i>	7
3.7 – <i>Presente do modo subjuntivo</i>	7
3.8 – <i>Pretérito imperfeito do modo subjuntivo</i>	8
3.9 – <i>Pretérito perfeito do modo subjuntivo</i>	9
3.10 – <i>Pretérito mais que perfeito do modo subjuntivo</i>	9
3.11 – <i>Futuro simples do modo subjuntivo</i>	9
3.12 – <i>Modo imperativo</i>	10
3.13 – <i>Verbos de ligação</i>	10
4 - Apostila Estratégica	11
5 – Questões Estratégicas	12
6 – Lista de questões comentadas	22
7 - Revisão estratégica	38
7.1 <i>Perguntas</i>	38
7.2 <i>Perguntas e respostas</i>	38



1 - APRESENTAÇÃO

Verbos são palavras que indicam acontecimentos representados no tempo, como uma ação, um estado, um processo ou um fenômeno. Flexionam-se em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz. As orações e os períodos desenvolvem-se em torno de um verbo.

Trata-se de um assunto muito importante para fins de concursos públicos, sobretudo em concursos que exigem expressamente as classes de palavras.

#amoraovernáculo

2 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

Língua Portuguesa - % de cobrança em provas anteriores (Cesgranrio)

Interpretação de textos; reescrita de frases.	36,77%
Semântica; regência verbal; regência nominal;	16,86%
Classes de Palavras; formação e estrutura das palavras.	13,35%
Ortografia; acentuação gráfica; crase.	10,30%
Concordância verbal; concordância nominal; vozes verbais.	8,90%
Tempos e modos verbais.	5,39%
Termos da oração; partícula "se"; vocabulário "que"; vocabulário "como".	2,81%
Função sintática dos pronomes átonos; função sintática dos pronomes relativos; colocação pronominal.	2,34%
Relação de coordenação e subordinação das orações; pontuação.	2,11%



Linguagem; tipologia textual; fonética.	1,17%
TOTAL	100,00%

3 - ROTEIRO DE REVISÃO E PONTOS DO ASSUNTO QUE MERECEM DESTAQUE

Pessoal, o estudo dos modos verbais é importante para compreender a realização de determinados fatos, ou seja, se estamos diante de fato **certo, incerto** ou **ordenado**.

Vejam estes exemplos:

Carlos estudou todo o edital. (fato certo)

Se Carlos estudasse o edital, passaria no concurso. (fato incerto)

Estude, Carlos, todo o edital. (fato ordenado)

Há três modos verbais: o **indicativo**, o **subjuntivo** e o **imperativo**.

- **Indicativo** – modo que indica certeza;

Estudo todos os dias para passar no concurso.

- **Subjuntivo** – modo que indica dúvida;

E se eu passasse no concurso e você morasse comigo?

- **Imperativo** – modo que exprime ordem, pedido ou conselho.

Comemorem quando eu for aprovado!

3.1 – PRESENTE DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudo	Cresço	Sorrio
Tu	Estudas	Cresces	Sorris
Ele	Estuda	Cresce	Sorri
Nós	Estudamos	Crescemos	Sorrimos
Vós	Estudais	Cresceis	Sorris



Eles Estudam

Crescem

Sorriem

- Indica fato atual ou habitual.

*Ao nascer do sol, os futuros servidores **iniciam** seus estudos.*

- Indica um fato permanente ou uma verdade permanente (científica, religiosa, filosófica).

*A água **ferve** a 100 graus Celsius.*

- Indica um presente histórico (utilizado em narrações).

*Diante dela **está** [=estava] um guerreiro estranho.*

- Emprega-se pelo futuro do presente para indicar um fato que ocorrerá em breve.

*Amanhã, **inicia** [=iniciará] o curso de Língua Portuguesa.*

- Emprega-se em linguagem viva em lugar do pretérito.

*Se teu irmão não **estuda** [=tivesse estudada], estaria desempregado.*

3.2 – PRETÉRITO IMPERFEITO DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudava	Crescia	Sorria
Tu	Estudavas	Crescias	Sorrias
Ele	Estudava	Crescia	Sorria
Nós	Estudávamos	Crescíamos	Sorríamos
Vós	Estudáveis	Crescíeis	Sorríeis
Eles	Estudavam	Cresciam	Sorriam

- Enuncia fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

*Durante a minha preparação, eu **estudava** todo dia.*

- Para indicar uma ação que estava ocorrendo (durativa ou contínua) quando outra aconteceu.

*Eu **estava** lendo quando ela gritou.*

- Para indicar ação planejada, esperada, que não se realizou.



Eu pretendia fazer a prova, mas perdi a data da inscrição.

3.3 – PRETÉRITO PERFEITO DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudei	Cresci	Sorri
Tu	Estudaste	Cresceste	Sorriste
Ele	Estudou	Cresceu	Sorriu
Nós	Estudamos	Crescemos	Sorrimos
Vós	Estudastes	Cresceste	Sorristes
Eles	Estudaram	Cresceram	Sorriram

- Indica um fato realizado, uma ação concluída.

Estudei três aulas do Passo Estratégico hoje.

- O pretérito perfeito **composto** expressa uma ação que começou no passado e se prolonga até o presente.

Tenho dado motivos suficientes para ser aprovado.

3.4 – PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudara	Crescera	Sorrira
Tu	Estudaras	Cresceras	Sorriras
Ele	Estudara	Crescera	Sorrira
Nós	Estudáramos	Crescêramos	Sorríramos
Vós	Estudáreis	Crescereis	Sorríreis
Eles	Estudaram	Cresceram	Sorriram

- Indica um evento perfeitamente acabado antes de outro no passado.

Quando iniciei a preparação, Carlos já passara naquele certame.



*Já **passara** das onze quando ele soube da aprovação.*

- Emprega-se pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.

*Teria sido um ano magnífico, não **fora** [=fosse] o corte orçamentário.*

Em geral, usa-se o pretérito mais que perfeito composto do que o simples.

O mais que perfeito composto é formado pela locução **Tinha/Havia+Particípio**. Equivale ao simples **-RA**.

*Quando iniciei a preparação, Carlos já **havia passado** naquele certame.*

*Já **tinha passado** das onze quando ele soube da aprovação.*

3.5 – FUTURO DO PRESENTE DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudarei	Crescerei	Sorrirá
Tu	Estudarás	Crescerás	Sorrirás
Ele	Estudará	Crescerá	Sorrirá
Nós	Estudaremos	Cresceremos	Sorriremos
Vós	Estudareis	Cresceréis	Sorrireis
Eles	Estudarão	Crescerão	Sorrirão

- Indica um fato futuro em relação ao momento da fala.

Passarei no concurso e realizarei um grande sonho.

- Pode indicar dúvida ou incerteza.

*A prova **poderá** vir fácil?*

- Pode ser usado com força de imperativo.

*Não **furtarás**!*

- Pode ser substituído por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos ir, ter ou haver + infinitivo do verbo principal.

*Carlos **vai passar** no ano que vem. [vai passar = passará]*



Hei de ter mais cuidado nas próximas provas. [hei de ter = terei]

3.6 – FUTURO DO PRETÉRITO DO MODO INDICATIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Estudaria	Cresceria	Sorriria
Tu	Estudarias	Crescerias	Sorririas
Ele	Estudaria	Cresceria	Sorriria
Nós	Estudaríamos	Cresceríamos	Sorriríamos
Vós	Estudaríeis	Cresceríeis	Sorriríeis
Eles	Estudariam	Cresceriam	Sorririam

- Indica um fato futuro condicionado a outro.

Eu estudaria, se não estivesse doente.

- Indica um fato futuro expressado no passado.

Naquela oportunidade, afirmei que o apoaria.

- Pode ser usado para expressar polidez.

Poderia auxiliar-me com esta questão?

Gostaria de uma sobremesa?

- Pode exprimir dúvida.

Ao estudar sem pausas, você não estaria exagerando?

- Pode ser usado por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo ir+infinitivo do verbo principal.

Avísara-nos que aprova ia ser difícil. [ia ser = seria]

3.7 – PRESENTE DO MODO SUBJUNTIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Que eu estude	Que eu cresça	Que eu sorria



Tu	Que tu estudes	Que tu cresças	Que tu sorrias
Ele	Que ele estude	Que ele cresça	Que ele sorria
Nós	Que nós estudemos	Que nós cresçamos	Que nós sorriamos
Vós	Que vós estudeis	Que vós cresçais	Que vós sorriais
Eles	Que eles estudem	Que eles cresçam	Que eles sorriam

- Indica dúvida, possibilidade. (sua terminação é A/E)

Tememos que a prova venha difícil.

- Emprega-se em orações optativas.

Que você estude mais.

3.8 – PRETÉRITO IMPERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Se eu estudasse	Se eu crescesse	Se eu sorrisse
Tu	Se tu estudasses	Se tu crescesses	Se tu sorrisses
Ele	Se ele estudasse	Se ele crescesse	Se ele sorrisse
Nós	Se nós estudássemos	Se nós crescêssemos	Se nós sorrissemos
Vós	Se vós estudásseis	Se vós crescêsseis	Se vós sorrisseis
Eles	Se eles estudassem	Se eles crescessem	Se eles sorrissem

- Usa-se em orações adverbiais, condicionais, causais e outras.

Se estudasse com afínco, passaria na prova.

Por mais que insistisse, não compreendeu a matéria.

- Forma orações substantivas e adjetivas.

A concorrência não impedía que os alunos se dedicassem.

Nunca fui um aluno que morresse em cima dos livros.



3.9 – PRETÉRITO PERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

Indica fatos supostamente concluídos ou um fato futuro concluído com relação a outro fato futuro.

Apresenta apenas a forma composta (verbo auxiliar ter + particípio do verbo principal).

- Fato supostamente concluído.

*Espero que tu não **tenhas perdido** a vaga no curso.*

- Fato futuro concluído em relação a outro fato futuro.

*Quando eu chegar ao curso, espero que os alunos já **tenham concluído** a revisão.*

3.10 – PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

Existente só na forma composta, o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é formado com pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo “ter” (ou “haver” na linguagem formal) combinado com o particípio passado do verbo principal.

- Traduz um fato anterior a outro fato passado.

*Se **tivesse estudado** mais, teria tirado uma nota melhor.*

*Esperava que os alunos **tivessem lido** todos os textos para aula.*

3.11 – FUTURO SIMPLES DO MODO SUBJUNTIVO

	Estudar	Crescer	Sorrir
Eu	Quando eu estudar	Quando eu crescer	Quando eu sorrir
Tu	Quando tu estudas	Quando tu cresceres	Quando tu sorrires
Ele	Quando ele estuda	Quando ele crescer	Quando ele sorrir
Nós	Quando nós estudarmos	Quando nós crescermos	Quando nós sorrirmos
Vós	Quando vós estudardes	Quando vós crescerdes	Quando vós sorrirdes
Eles	Quando eles estudarem	Quando eles crescerem	Quando eles sorrirem

- Usa-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras.



Se *estudarem* muito, serão aprovados.

Caso *persistirem* as dúvidas, procure a ajuda do professor.

Quando eu a *vir* na lista dos aprovados, descansarei.

Atenção para não confundir!

Propor (Infinitivo) **X** Propuser (futuro do subjuntivo)

Entreter (Infinitivo) **X** Entretiver (futuro do subjuntivo)

Ver (Infinitivo) **X** Vir (futuro do subjuntivo)

Vir (Infinitivo) **X** Vier (futuro do subjuntivo)

3.12 – MODO IMPERATIVO

Registra-se para exprimir ordem (ou proibição, pedido, convite, conselho, licença) que parte da 1^a pessoa para a 2^a pessoa do discurso.

O **imperativo negativo** é todo derivado do **presente do subjuntivo**. No **imperativo afirmativo**, em “tu” e “vós”, teremos a mesma conjugação do **presente do indicativo**, mas sem o “S” (Tu bebes e Vós bebeis vão virar no imperativo bebe tu e bebei vós), as demais formas serão derivadas também do presente do subjuntivo.

	Estudar	Crescer	Sorrir
Tu	Estuda tu	Cresce tu	Sorri tu
Ele (você)	Estude ele	Cresça ele	Sorria ele
Nós	Estudemos nós	Cresçamos nós	Sorriamos nós
Vós	Estudai vós	Crescei vós	Sorride vós
Eles (vocês)	Estudem eles	Cresçam eles	Sorriam eles

3.13 – VERBOS DE LIGAÇÃO

Os verbos que indicam ação são chamados de “nacionais”. Os **verbos de ligação**, por sua vez, são chamados verbos de estado ou verbos relacionais.

- Estado permanente:

O aluno é confiante.



- Estado continuado:

O aluno permanece confiante.

- Estado transitório/circunstancial:

O aluno está feliz.

O professor anda misterioso ultimamente.

- Mudança de estado:

O aluno tornou-se organizado por causa do concurso.

*Capitu deu uma bela noiva. **

Fuja dos decorebas e interprete o verbo no contexto. Nesse caso, o verbo “dar” possui o sentido de “tornar-se”.

- Estado aparente:

A aluna parece distraída.

4 - APOSTA ESTRATÉGICA

Os tempos e modos verbais vêm cobrados nas provas, no geral, com base em textos, e, muitas vezes, relacionados à interpretação textual e à reescrita. Sendo essas as questões mais vistas.

Em questões de reescrita, vemos a comparação de verbos e precisamos ficar atentos à grafia deles, como podemos observar alguns exemplos no quadro abaixo:

Propor (Infinitivo) x Propuser (futuro do subjuntivo)
Entreter (Infinitivo) x Entretiver (futuro do subjuntivo)
Ver (Infinitivo) x Vir (futuro do subjuntivo)
Vir (Infinitivo) x Vier (futuro do subjuntivo)

Devemos ficar atentos às questões de conjugação verbal, principalmente do modo subjuntivo e do modo imperativo.

Podem ocorrer, também, questões que abordam a diferença das situações de emprego dos verbos no modo indicativo e dos verbos no modo subjuntivo, então atenção!



5 – QUESTÕES ESTRATÉGICAS

Nesta seção, apresentamos uma amostra de questões objetivas selecionadas estrategicamente: são questões com nível de dificuldade semelhante ao que você deve esperar para a sua prova e que, em conjunto, abordam os principais pontos do assunto.

A ideia, aqui, não é que você fixe o conteúdo por meio de uma bateria extensa de questões, mas que você faça uma boa revisão global do assunto a partir de, relativamente, poucas questões.

Tempo e modo verbal

Questão 1

CESGRANRIO - Agente de Pesquisas e Mapeamento (IBGE)/2016

Texto

Do fogo às lâmpadas de LED

Ao longo de nossa evolução, desenvolvemos uma forma muito eficiente de detectar a luz: nosso olho. Esse órgão nos permite enxergar formas e cores de maneira ímpar. O que denominamos luz no cotidiano é, de fato, uma onda eletromagnética que não é muito diferente, por exemplo, das ondas de rádio ou micro-ondas, usadas em comunicação via celular, ou dos raios X, empregados em exames médicos.

Para que pudesse enxergar seu caminho à noite, o homem buscou o desenvolvimento de fontes de iluminação artificial. Os primeiros humanos recolhiam restos de queimadas naturais, mantendo as chamas em fogueiras. Posteriormente, descobriu-se que o fogo poderia ser produzido ao se atritarem pedras ou madeiras, dando o primeiro passo rumo à tecnologia de iluminação artificial.

A necessidade de transporte e manutenção do fogo levou ao desenvolvimento de dispositivos de iluminação mais compactos e de maior durabilidade. Assim, há cerca de 50 mil anos, surgiram as primeiras lâmpadas a óleo, feitas a partir de rochas e conchas, tendo, como pavio, fibras vegetais que queimavam em óleo animal ou vegetal. Mais tarde, a eficiência desses dispositivos foi aumentada, com o uso de óleo de tecidos gordurosos de animais marinhos, como baleias e focas.

As lâmpadas a óleo não eram adequadas para que áreas maiores (ruas, praças etc.) fossem iluminadas, o que motivou o surgimento das lâmpadas a gás obtido por meio da destilação do carvão mineral. Esse gás poderia ser transportado por tubulações ao local de consumo e inflamado para produzir luz.

O domínio da tecnologia de geração de energia elétrica e o entendimento de efeitos associados à passagem de corrente elétrica em materiais viabilizaram o desenvolvimento de novas tecnologias de iluminação: lâmpadas incandescentes, com filamentos de bambu carbonizado, que garantem durabilidade de cerca de 1,2 mil horas à sua lâmpada; e as lâmpadas halógenas, com maior vida útil e luz com maior intensidade e mais parecida com a luz solar.

AZEVEDO, E. R.; NUNES, L. A. O. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje. n. 327, julho 2015, p. 38-40.
Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2015/327/do-fogo-as-lampadas-led>>. Acesso em: 4 ago. 2015.
Adaptado.



A frase em que a palavra destacada está flexionada de acordo com a norma padrão da língua portuguesa é:

- a) Se você **ver** águas paradas, tome uma providência para evitar a proliferação do mosquito.
- b) Para comunicar a seus acionistas o resultado financeiro semestral, o relatório **abrangeu** os aspectos principais relacionados à produção da empresa.
- c) Se os moradores **obterem** lâmpadas modernas para iluminar suas casas, farão economia de eletricidade.
- d) Quando o Congresso **propor** que as lâmpadas incandescentes não sejam mais vendidas no país, a população terá de se acostumar ao novo padrão.
- e) O governo **interviu** na fabricação de lâmpadas quando decidiu que novos modelos deveriam tornar-se obrigatórios no nosso país.

Tempo e modo verbal

Questão 2

CESGRANRIO - Engenheiro (PETROBRAS)/Meio Ambiente Júnior/2014/1

O futuro transumano

Um mundo habitado por seres com habilidades sobre-humanas parece ficção científica, mas essa poderia ser a visão que nossos antepassados longínquos teriam de nós. Vive-se mais e com melhor qualidade que eles; cruzam-se grandes distâncias em poucas horas e estabelece-se comunicação instantânea com pessoas do outro lado do planeta, só para citar alguns exemplos que deixariam nossos tataravós boquiabertos. O que esperar então dos humanos do futuro?

Uma das tendências, segundo especialistas, é a integração da tecnologia a nossos corpos – uma espécie de hibridização. Seguindo o movimento que ocorreu ao longo do século 20, de miniaturização dos artefatos tecnológicos, estes ficariam tão pequenos a ponto de serem incorporados a nosso organismo e conectados a nosso sistema nervoso. Com o avanço dessa hibridização, haveria uma escala de radicalidade na adoção da tecnologia, com alguns indivíduos optando por todas as modificações possíveis, e outros sendo mais contidos. Em um horizonte mais distante, nos questionaríamos sobre qual é o limite entre o natural e o artificial.

É provável que o leitor já tenha usado algum tipo de melhoramento das capacidades cognitivas, ou seja, das habilidades de adquirir, processar, armazenar e recuperar informação. Se já tomou café para se manter acordado, usou o estimulante cafeína, presente na bebida, para melhorar seu estado de alerta. Isso não parece particularmente controverso, assim como não é o emprego de técnicas mnemônicas para facilitar a memorização de uma determinada informação. Nos últimos anos, porém, novas modalidades de melhoramento cognitivo surgiram, como o consumo de drogas que não se desenvolveram para esse objetivo.

Um dos principais problemas éticos associados a esse tipo de melhoramento é que ele ampliaria a desigualdade social, criando uma elite superinteligente, rica e poderosa, além de polarizar a sociedade entre os mais e os menos aptos. Entretanto, segundo estudiosos, a tendência é que melhoramentos se tornem mais baratos com o tempo, sendo acessíveis para todos. Se as pessoas puderem escolher quais melhoramentos adquirir, é pouco provável que se formem apenas dois grupos sociais distintos, sendo mais factível que haja um contínuo de indivíduos modificados.



O melhoramento físico e cognitivo dos humanos por meio de novas tecnologias é a principal bandeira do transumanismo. Esse movimento defende que a forma atual do ser humano não representa o fim do nosso desenvolvimento, mas sim uma fase relativamente precoce. Assim como usamos métodos racionais para melhorar as condições sociais e o mundo externo, podemos utilizar essa mesma abordagem no nosso organismo, sem necessariamente nos limitarmos a meios tradicionais, como educação e desenvolvimento cultural.

Já os opositores dos transumanistas, chamados de bioconservadores, alertam sobre os vários problemas que tecnologias de melhoramento criarião para a sociedade, como a já citada polarização e o aumento da desigualdade social.

Além do melhoramento físico e cognitivo da humanidade, alguns transumanistas defendem a eliminação do sofrimento, tanto físico quanto emocional. Sua intenção é eliminar males como depressão e síndrome do estresse pós-traumático, para promover a saúde mental e a felicidade. Apesar de ser um objetivo aparentemente nobre, esse tipo de alteração, mais do que melhoramentos físicos, parece tocar na nossa essência, naquilo que consideramos o cerne da humanidade. Uma questão central nessa discussão é o que é ser humano.

FURTADO, F. **O futuro transumano**. Revista Ciência Hoje, n. 307, v. 52, set. 2013. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje. p. 18-23. Adaptado

A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

- a) Crianças e adultos estarão mais protegidos de várias doenças mortais se **disporem** de melhores condições de saneamento básico.
- b) Estudos concluídos recentemente **preveram** uma queda expressiva de produção nas culturas de soja, arroz e trigo nas próximas décadas.
- c) Médicos e nutricionistas **interviriam** na dieta de adolescentes para prevenir problemas futuros, como excesso de peso.
- d) Parcerias poderão ser firmadas quando cientistas brasileiros **verem** os resultados obtidos por europeus na área de engenharia genética.
- e) Pesquisadores brasileiros **mantiveram** o mesmo nível de publicações nas áreas de física e de ciências espaciais atingido no ano anterior.

Tempo e modo verbal

Questão 3

CESGRANRIO - Escriturário (BB) / "Sem Área" / 2012/1

SORTE: TODO MUNDO MERECE

Afinal, existe sorte e azar?

No fundo, a diferença entre sorte e azar está no jeito como olhamos para o acaso. Um bom exemplo é o número 13. Nos EUA, a expedição da Apollo 13 foi uma das mais desastrosas de todos os tempos, e o número levou a culpa. Pelo mundo, existem construtores que fazem prédios que nem têm o 13º andar, só para fugir



do azar. Por outro lado, muita gente acha que o 13 é, na verdade, o número da sorte. Um exemplo famoso disso foi o então auxiliar técnico do Brasil, Zagallo, que foi para a Copa do Mundo de 1994 (a soma dá 13) dizendo que o Mundial ia terminar com o Brasil campeão devido a uma série de coincidências envolvendo o número. No final, o Brasil foi campeão mesmo, e a Apollo 13 retornou a salvo para o planeta Terra, apesar de problemas gravíssimos.

Até hoje não se sabe quem foi o primeiro sortudo que quis homenagear a sorte com uma palavra só para ela. Os romanos criaram o verbo *sors*, do qual deriva a “sorte” de todos nós que falamos português. *Sors* designava vários processos do que chamamos hoje de tirar a sorte e originou, entre outras palavras, a inglesa *sorcerer*, feiticeiro. O azar veio de um pouco mais longe. A palavra vem do idioma árabe e deriva do nome de um jogo de dados (no qual o criador provavelmente não era muito bom). Na verdade, ele poderia até ser bom, já que azar e sorte são sinônimos da mesma palavra: acaso. Matematicamente, o acaso – a sorte e o azar – é a aleatoriedade. E, pelas leis da probabilidade, no longo prazo, todos teremos as mesmas chances de nos depararmos com a sorte. Segundo essas leis, se você quer aumentar as suas chances, só existe uma saída: aposte mais no que você quer de verdade.

Revista Conhecer. São Paulo: Duetto. n. 28, out. 2011, p. 49. Adaptado.

O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

- a) Desse jeito, ele **fale** a loja do pai. (falir)
- b) O príncipe **branda** a sua espada às margens do rio. (brandir)
- c) Os jardins **florem** na primavera. (florir)
- d) Eu me **precavejo** dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
- e) Nós **reouvemos** os objetos roubados na rua. (reaver).

Tempo e modo verbal

Questão 4

CESGRANRIO - Administrador Júnior (TRANSPETRO)/2011

Um pouco de silêncio

Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade.

Sob a pressão do ter de parecer, ter de participar, ter de adquirir, ter de qualquer coisa, assumimos uma infinidade de obrigações. Muitas desnecessárias, outras impossíveis, algumas que não combinam conosco nem nos interessam.

Não há perdão nem anistia para os que ficam de fora da ciranda: os que não se submetem mas questionam, os que pagam o preço de sua relativa autonomia, os que não se deixam escravizar, pelo menos sem alguma resistência.

O normal é ser atualizado, produtivo e bem-informado. É indispensável circular, estar enturmado. Quem não corre com a manada praticamente nem existe, se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho.



Acuados pelo relógio, pelos compromissos, pela opinião alheia, disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito hamsters que se alimentam de sua própria agitação.

Ficar sossegado é perigoso: pode parecer doença. Recolher-se em casa, ou dentro de si mesmo, ameaça quem leva um susto cada vez que examina sua alma.

Estar sozinho é considerado humilhante, sinal de que não se arrumou ninguém – como se amizade ou amor se “arrumasse” em loja. [...]

Além do desgosto pela solidão, temos horror à quietude. Logo pensamos em depressão: quem sabe terapia e antidepressivo? Criança que não brinca ou salta nem participa de atividades frenéticas está com algum problema.

O silêncio nos assusta por retumbar no vazio dentro de nós. Quando nada se move nem faz barulho, notamos as frestas pelas quais nos espionam coisas incômodas e mal resolvidas, ou se enxerga outro ângulo de nós mesmos. Nos damos conta de que não somos apenas figurinhas atarantadas correndo entre casa, trabalho e bar, praia ou campo.

Existe em nós, geralmente nem percebido e nada valorizado, algo além desse que paga contas, transa, ganha dinheiro, e come, envelhece, e um dia (mas isso é só para os outros!) vai morrer. Quem é esse que afinal sou eu? Quais seus desejos e medos, seus projetos e sonhos?

No susto que essa ideia provoca, queremos ruído, ruídos. Chegamos em casa e ligamos a televisão antes de largar a bolsa ou pasta. Não é para assistir a um programa: é pela distração.

Silêncio faz pensar, remexe águas paradas, trazendo à tona sabe Deus que desconcerto nosso. Com medo de ver quem – ou o que – somos, adia-se o defrontamento com nossa alma sem máscaras.

Mas, se a gente aprende a gostar um pouco de sossego, descobre – em si e no outro – regiões nem imaginadas, questões fascinantes e não necessariamente ruins.

Nunca esqueci a experiência de quando alguém botou a mão no meu ombro de criança e disse:

— Fica quietinha, um momento só, escuta a chuva chegando.

E ela chegou: intensa e lenta, tornando tudo singularmente novo. A quietude pode ser como essa chuva: nela a gente se refaz para voltar mais inteiro ao convívio, às tantas fases, às tarefas, aos amores.

Então, por favor, me deem isso: um pouco de silêncio bom para que eu escute o vento nas folhas, a chuva nas lajes, e tudo o que fala muito além das palavras de todos os textos e da música de todos os sentimentos.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 41. Adaptado.

A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é

- a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
- b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
- c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
- d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
- e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

Tempo e modo verbal



Questão 5

CESGRANRIO - Investigador Policial (PC RJ)

Ainda é cedo amor (Cartola)

Mal começaste a conhecer a vida

Já anuncias a hora da partida

Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção querida

Embora eu saiba que estás resolvida

Em cada esquina cai um pouco a sua vida

Em pouco tempo não serás mais o que és

Ouça-me bem, amor

Preste atenção o mundo é um moinho

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos

Vai reduzir as ilusões a pó

Preste atenção querida

De cada amor tu herdarás só o cinismo

Quando notares estás à beira do abismo

Abismo que cavaste com teus pés

Considere as seguintes formas verbais retiradas do texto: "anuncias", "Preste", "estás", "serás", "Ouça-me" e "tu herdarás". É correto afirmar que, no poema, estas formas:

- a) mantêm uniformidade no tratamento.
- b) referem-se à 2ª pessoa do singular quando no imperativo.
- c) referem-se à 3ª pessoa do singular quando no indicativo.
- d) desconsideram a norma culta na relação sujeito-verbo.
- e) revelam alternância de tratamento.

Tempo e modo verbal

Questão 6



CESGRANRIO - Profissional (LIQUIGÁS)/Júnior/Vendas/2018/Edital 01

A forma verbal em destaque está em DESACORDO com o que prevê a norma-padrão da língua em:

- a) Se a literatura **condisssesse** com a realidade, não seria literatura.
- b) A imprensa **medeia** a dialética que se estabelece entre ficção e realidade.
- c) Espera-se que as crianças **adiram** às propostas dos livros infanto-juvenis.
- d) Quando estava na escola, sempre **punha** um livro na mochila para ler no trajeto.
- e) Se **requiséssemos** novos livros, os alunos teriam uma biblioteca mais atualizada.

Tempo e modo verbal

Questão 7

CESGRANRIO - Técnico Administrativo (ANP)/2016

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saímos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: "Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: "Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

O emprego dos verbos destacados no trecho "Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**." mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.



Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriam os que se destacam em:

- a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.
- b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.
- c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.
- d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.
- e) Eu ficava **sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade estava **começando**.

Tempo e modo verbal

Questão 8

CESGRANRIO - Técnico Científico (BASA)/Medicina do Trabalho/2015

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

“Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado”.

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;
- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;



- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicente, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. **Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador.** Revista Saúde Pública, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

O presente do indicativo, em "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial" (l. 1), produz o seguinte efeito de sentido:

- a) aproxima o leitor do que é narrado.
- b) põe em dúvida o contexto histórico referido.
- c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.
- d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.
- e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

Tempo e modo verbal

Questão 9

CESGRANRIO - Arquiteto e Urbanista (UNIRIO)/2016

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o vôo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti. Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.



Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano, salgado como lágrima.

CONY, C. H. In: NESTROVSKI, A. (Org.). **Figuras do Brasil – 80 autores em 80 anos de Folha**. São Paulo: Publifolha. 2001. p. 319.

Em “**Fazia** calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41.”, o uso do pretérito imperfeito do indicativo busca

- a) estabelecer uma relação de causa e efeito.
- b) contextualizar o tempo da narrativa.
- c) introduzir uma ambiência de suspense.
- d) banalizar o calor que fazia no Rio.
- e) projetar uma possibilidade.

Tempo e modo verbal

Questão 10

CESGRANRIO - Segundo Oficial (TRANSPETRO)/Máquinas/2016

O velho olhando o mar

Meu carro para numa esquina da praia de Copacabana às 9h30 e vejo um velho vestido de branco numa cadeira de rodas olhando o mar a distância. Por ele passam pernas portentosas, reluzentes cabeleiras adolescentes e os bíceps de jovens surfistas. Mas ele permanece sentado olhando o mar a distância. [...]

O carro continua parado, o sinal fechado e o estupendo calor da vida batia de frente sobre mim. Tudo em torno era uma ávida solicitação dos sentidos. Por isso, paradoxalmente, fixei-me por um instante naquele corpo que parecia ancorado do outro lado das coisas. E sem fazer qualquer esforço comecei a imaginá-lo quando jovem. É um exercício estranho esse de começar a remoçar um corpo na imaginação, injetar movimento e desejo nos seus músculos, acelerando nele, de novo, a avareza de viver cada instante.

A gente tem a leviandade de achar que os velhos nasceram velhos, que estão ali apenas para assistir ao nosso crescimento. Me lembro que, menino, ao ver um velho parente relatar fatos de sua juventude, tinha sempre a sensação de que ele estava inventando uma estória para me convencer de alguma coisa.



No entanto, aquele velho que vejo na esquina da praia de Copacabana deve ter sido jovem algum dia, em alguma outra praia, nos braços de algum amor, bebendo e farreando irresponsavelmente e achando que o estoque da vida era ilimitado.

Teria ele algum desejo ao olhar as coxas das banhistas que passam? Olhando alguma delas teria se posto a lembrar de outros corpos que conheceu? Os que por ele passam poderiam supor que ele fazia maravilhas na cama ou nas pistas de dança? [...]

Ele está ali, eu no meu carro, e me dou conta de que um número crescente de amigos e conhecidos tem me pronunciado a palavra “aposentadoria” ultimamente. Isso é uma síndrome grave. Em breve estarei cercado de aposentados e forçosamente me aposentarão. Então, imagino, vou passear de short branco e boné pelo calçadão da praia, fingindo ser um admirante aposentado, aproveitando o sol mais ameno das 9h30 até cair sentado numa cadeira e ficar olhando o mar. [...]

Meu carro, no entanto, continua parado no sinal da praia de Copacabana. O carro apenas, porque a imaginação, entre o sinal vermelho e o verde, viajou intensamente. Vou ter de deixar ali o velho e sua acompanhante olhando o mar por mim. Vou viver a vida por ele, me iludir de que no escritório transformo o mundo com telefonemas, projetos e papéis. Um dia talvez esteja naquela cadeira olhando o mar a distância, a vida distante.

Mas que ao olhar para dentro eu tenha muito que rever e contemplar. Nesse caso não me importarei que o moço que estiver no seu carro parado no sinal imagine coisas sobre mim. Estarei olhando o mar, o mar interior, e terei navegantes alegrias que nenhum passante compreenderá.

SANT'ANNA, A. R. Coleção melhores crônicas –

Affonso Romano de Sant'Anna. Seleção e prefácio: Letícia Malard. São Paulo: Global, 2003.

O verbo ver apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, como se vê no texto: “vejo um velho”. Um outro verbo que apresenta irregularidade nessas circunstâncias é:

- a) viver
- b) bater
- c) imaginar
- d) fazer
- e) olhar

6 – LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS

Tempo e modo verbal

Questão 1

CESGRANRIO - Agente de Pesquisas e Mapeamento (IBGE)/2016



Texto

Do fogo às lâmpadas de LED

Ao longo de nossa evolução, desenvolvemos uma forma muito eficiente de detectar a luz: nosso olho. Esse órgão nos permite enxergar formas e cores de maneira ímpar. O que denominamos luz no cotidiano é, de fato, uma onda eletromagnética que não é muito diferente, por exemplo, das ondas de rádio ou micro-ondas, usadas em comunicação via celular, ou dos raios X, empregados em exames médicos.

Para que pudesse enxergar seu caminho à noite, o homem buscou o desenvolvimento de fontes de iluminação artificial. Os primeiros humanos recolhiam restos de queimadas naturais, mantendo as chamas em fogueiras. Posteriormente, descobriu-se que o fogo poderia ser produzido ao se atritarem pedras ou madeiras, dando o primeiro passo rumo à tecnologia de iluminação artificial.

A necessidade de transporte e manutenção do fogo levou ao desenvolvimento de dispositivos de iluminação mais compactos e de maior durabilidade. Assim, há cerca de 50 mil anos, surgiram as primeiras lâmpadas a óleo, feitas a partir de rochas e conchas, tendo, como pavio, fibras vegetais que queimavam em óleo animal ou vegetal. Mais tarde, a eficiência desses dispositivos foi aumentada, com o uso de óleo de tecidos gordurosos de animais marinhos, como baleias e focas.

As lâmpadas a óleo não eram adequadas para que áreas maiores (ruas, praças etc.) fossem iluminadas, o que motivou o surgimento das lâmpadas a gás obtido por meio da destilação do carvão mineral. Esse gás poderia ser transportado por tubulações ao local de consumo e inflamado para produzir luz.

O domínio da tecnologia de geração de energia elétrica e o entendimento de efeitos associados à passagem de corrente elétrica em materiais viabilizaram o desenvolvimento de novas tecnologias de iluminação: lâmpadas incandescentes, com filamentos de bambu carbonizado, que garantem durabilidade de cerca de 1,2 mil horas à sua lâmpada; e as lâmpadas halógenas, com maior vida útil e luz com maior intensidade e mais parecida com a luz solar.

AZEVEDO, E. R.; NUNES, L. A. O. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje. n. 327, julho 2015, p. 38-40.
Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2015/327/do-fogo-as-lampadas-led>>. Acesso em: 4 ago. 2015.
Adaptado.

A frase em que a palavra destacada está flexionada de acordo com a norma padrão da língua portuguesa é:

- a) Se você **ver** águas paradas, tome uma providência para evitar a proliferação do mosquito.
- b) Para comunicar a seus acionistas o resultado financeiro semestral, o relatório **abrangeu** os aspectos principais relacionados à produção da empresa.
- c) Se os moradores **obterem** lâmpadas modernas para iluminar suas casas, farão economia de eletricidade.
- d) Quando o Congresso **propor** que as lâmpadas incandescentes não sejam mais vendidas no país, a população terá de se acostumar ao novo padrão.
- e) O governo **interviu** na fabricação de lâmpadas quando decidiu que novos modelos deveriam tornar-se obrigatórios no nosso país.

Comentário:



- a) Na frase "Se você **ver** águas paradas, tome uma providência para evitar a proliferação do mosquito.", o verbo "ver" é usado para indicar uma possibilidade futura, de modo que deve ser conjugado no futuro do subjuntivo: "vir". Logo, a alternativa está incorreta.
- b) Em "Para comunicar a seus acionistas o resultado financeiro semestral, o relatório **abrangeu** os aspectos principais relacionados à produção da empresa.", a forma verbal "abrangeu" está no tempo pretérito perfeito do indicativo, demonstrando uma ação efetivamente concluída no passado. Logo, esta alternativa está correta.
- c) Na frase "Se os moradores **obterem** lâmpadas modernas para iluminar suas casas, farão economia de eletricidade.", o verbo em destaque deve ser conjugado no futuro do subjuntivo, já que indica uma possibilidade futura, apresentando, assim, a forma "obtiverem". Portanto, a alternativa está errada.
- d) Em "Quando o Congresso **propor** que as lâmpadas incandescentes não sejam mais vendidas no país, a população terá de se acostumar ao novo padrão.", para que o verbo em destaque indique, corretamente, a ideia de hipótese futura, associado ao verbo "terá" (futuro do presente do indicativo), a conjugação correta deve ser "propuser" (futuro do subjuntivo). Logo, a alternativa está incorreta.
- e) Na frase "O governo **interviu** na fabricação de lâmpadas quando decidiu que novos modelos deveriam tornar-se obrigatórios no nosso país.", o verbo "intervir" foi escrito de maneira errada. A flexão correta desse verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito é "interveio". Logo, a alternativa está errada.

Gabarito: B

Tempo e modo verbal

Questão 2

CESGRANRIO - Engenheiro (PETROBRAS)/Meio Ambiente Júnior/2014/1

O futuro transumano

Um mundo habitado por seres com habilidades sobre-humanas parece ficção científica, mas essa poderia ser a visão que nossos antepassados longínquos teriam de nós. Vive-se mais e com melhor qualidade que eles; cruzam-se grandes distâncias em poucas horas e estabelece-se comunicação instantânea com pessoas do outro lado do planeta, só para citar alguns exemplos que deixariam nossos tataravós boquiabertos. O que esperar então dos humanos do futuro?

Uma das tendências, segundo especialistas, é a integração da tecnologia a nossos corpos – uma espécie de hibridização. Segundo o movimento que ocorreu ao longo do século 20, de miniaturização dos artefatos tecnológicos, estes ficariam tão pequenos a ponto de serem incorporados a nosso organismo e conectados a nosso sistema nervoso. Com o avanço dessa hibridização, haveria uma escala de radicalidade na adoção da tecnologia, com alguns indivíduos optando por todas as modificações possíveis, e outros sendo mais contidos. Em um horizonte mais distante, nos questionaríamos sobre qual é o limite entre o natural e o artificial.

É provável que o leitor já tenha usado algum tipo de melhoramento das capacidades cognitivas, ou seja, das habilidades de adquirir, processar, armazenar e recuperar informação. Se já tomou café para se manter acordado, usou o estimulante cafeína, presente na bebida, para melhorar seu estado de alerta. Isso não parece particularmente controverso, assim como não é o emprego de técnicas mnemônicas para facilitar a memorização de uma determinada informação. Nos últimos anos, porém, novas modalidades de



melhoramento cognitivo surgiram, como o consumo de drogas que não se desenvolveram para esse objetivo.

Um dos principais problemas éticos associados a esse tipo de melhoramento é que ele ampliaria a desigualdade social, criando uma elite superinteligente, rica e poderosa, além de polarizar a sociedade entre os mais e os menos aptos. Entretanto, segundo estudiosos, a tendência é que melhoramentos se tornem mais baratos com o tempo, sendo acessíveis para todos. Se as pessoas puderem escolher quais melhoramentos adquirir, é pouco provável que se formem apenas dois grupos sociais distintos, sendo mais factível que haja um contínuo de indivíduos modificados.

O melhoramento físico e cognitivo dos humanos por meio de novas tecnologias é a principal bandeira do transumanismo. Esse movimento defende que a forma atual do ser humano não representa o fim do nosso desenvolvimento, mas sim uma fase relativamente precoce. Assim como usamos métodos racionais para melhorar as condições sociais e o mundo externo, podemos utilizar essa mesma abordagem no nosso organismo, sem necessariamente nos limitarmos a meios tradicionais, como educação e desenvolvimento cultural.

Já os opositores dos transumanistas, chamados de bioconservadores, alertam sobre os vários problemas que tecnologias de melhoramento criariam para a sociedade, como a já citada polarização e o aumento da desigualdade social.

Além do melhoramento físico e cognitivo da humanidade, alguns transumanistas defendem a eliminação do sofrimento, tanto físico quanto emocional. Sua intenção é eliminar males como depressão e síndrome do estresse pós-traumático, para promover a saúde mental e a felicidade. Apesar de ser um objetivo aparentemente nobre, esse tipo de alteração, mais do que melhoramentos físicos, parece tocar na nossa essência, naquilo que consideramos o cerne da humanidade. Uma questão central nessa discussão é o que é ser humano.

FURTADO, F. **O futuro transumano**. Revista Ciência Hoje, n. 307, v. 52, set. 2013. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje. p. 18-23. Adaptado

A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

- a) Crianças e adultos estarão mais protegidos de várias doenças mortais se **disporem** de melhores condições de saneamento básico.
- b) Estudos concluídos recentemente **preveram** uma queda expressiva de produção nas culturas de soja, arroz e trigo nas próximas décadas.
- c) Médicos e nutricionistas **interviriam** na dieta de adolescentes para prevenir problemas futuros, como excesso de peso.
- d) Parcerias poderão ser firmadas quando cientistas brasileiros **verem** os resultados obtidos por europeus na área de engenharia genética.
- e) Pesquisadores brasileiros **mantiveram** o mesmo nível de publicações nas áreas de física e de ciências espaciais atingido no ano anterior.

Comentário:



- a) Na frase "Crianças e adultos estarão mais protegidos de várias doenças mortais se **disporem** de melhores condições de saneamento básico.", verificamos que há uma ideia de possibilidade futura, logo o verbo deve ser flexionado no futuro do subjuntivo: "dispuserem". Assim, a alternativa está incorreta.
- b) Em "Estudos concluídos recentemente **preveram** uma queda expressiva de produção nas culturas de soja, arroz e trigo nas próximas décadas.", o verbo destacado está incorreto. Pelo contexto, percebemos que há uma ideia de ação finalizada recentemente, o que leva a conjugação verbal para o pretérito perfeito do indicativo com a forma verbal "previram". Logo, a alternativa está errada.
- c) Na frase "Médicos e nutricionistas **interviriam** na dieta de adolescentes para prevenir problemas futuros, como excesso de peso.", a forma "interviriam" é incorreta. Para indicar ação concluída no passado, deve-se empregar a forma "intervieram", no tempo pretérito perfeito do modo indicativo. Logo, a alternativa está incorreta.
- d) Em "Parcerias poderão ser firmadas quando cientistas brasileiros **verem** os resultados obtidos por europeus na área de engenharia genética.", a forma "verem" é incorreta. Indicando hipótese futura, o verbo adequado nesse período deve ser "virem" (futuro do subjuntivo). Assim, a alternativa está incorreta.
- e) Na frase "Pesquisadores brasileiros **mantiveram** o mesmo nível de publicações nas áreas de física e de ciências espaciais atingido no ano anterior.", o verbo "mantiveram" está empregado adequadamente no pretérito perfeito do indicativo, expressando fato passado concluído. Logo, a alternativa está correta.

Gabarito: E

Tempo e modo verbal

Questão 3

CESGRANRIO - Escriturário (BB) / "Sem Área" / 2012/1

SORTE: TODO MUNDO MERECE

Afinal, existe sorte e azar?

No fundo, a diferença entre sorte e azar está no jeito como olhamos para o acaso. Um bom exemplo é o número 13. Nos EUA, a expedição da Apollo 13 foi uma das mais desastrosas de todos os tempos, e o número levou a culpa. Pelo mundo, existem construtores que fazem prédios que nem têm o 13º andar, só para fugir do azar. Por outro lado, muita gente acha que o 13 é, na verdade, o número da sorte. Um exemplo famoso disso foi o então auxiliar técnico do Brasil, Zagallo, que foi para a Copa do Mundo de 1994 (a soma dá 13) dizendo que o Mundial ia terminar com o Brasil campeão devido a uma série de coincidências envolvendo o número. No final, o Brasil foi campeão mesmo, e a Apollo 13 retornou a salvo para o planeta Terra, apesar de problemas gravíssimos.

Até hoje não se sabe quem foi o primeiro sortudo que quis homenagear a sorte com uma palavra só para ela. Os romanos criaram o verbo *sors*, do qual deriva a "sorte" de todos nós que falamos português. *Sors* designava vários processos do que chamamos hoje de tirar a sorte e originou, entre outras palavras, a inglesa *sorcerer*, feiticeiro. O azar veio de um pouco mais longe. A palavra vem do idioma árabe e deriva do nome de um jogo de dados (no qual o criador provavelmente não era muito bom). Na verdade, ele poderia até ser bom, já que azar e sorte são sinônimos da mesma palavra: acaso. Matematicamente, o acaso – a sorte e o azar – é a aleatoriedade. E, pelas leis da probabilidade, no longo prazo, todos teremos as mesmas



chances de nos depararmos com a sorte. Segundo essas leis, se você quer aumentar as suas chances, só existe uma saída: aposte mais no que você quer de verdade.

Revista Conhecer. São Paulo: Duetto. n. 28, out. 2011, p. 49. Adaptado.

O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

- a) Desse jeito, ele **fale** a loja do pai. (falir)
- b) O príncipe **branda** a sua espada às margens do rio. (brandir)
- c) Os jardins **florem** na primavera. (florir)
- d) Eu me **precavejo** dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
- e) Nós **reouvemos** os objetos roubados na rua. (reaver).

Comentário:

- a) O verbo "falir" é defectivo, ou seja, não apresenta todas as conjugações. Isso ocorre, por exemplo, nas 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular e na 3^a pessoa do plural no presente do indicativo. Assim, na frase "Desse jeito, ele **fale** a loja do pai.", a forma "fale" é inadequada. Nesse caso, o correto é usar uma locução verbal correspondente, tal como "vai falir". Portanto, a alternativa está incorreta.
- b) Na frase "O príncipe **branda** a sua espada às margens do rio", o verbo "brandir" foi conjugado de modo incorreto, pois, pela norma, a conjugação correta é "brande": "O príncipe **brande**". Assim, a alternativa está incorreta.
- c) Em "Os jardins **florem** na primavera.", emprega-se o verbo "florir", o qual é defectivo e, por isso, não apresenta todas as conjugações. Isso é o que ocorre, por exemplo, com a 3^a pessoa do plural no presente do indicativo. Sendo assim, o verbo "florem" está incorreto e deve ser trocado por uma locução verbal que apresente o mesmo sentido desejado no contexto, como "vão florir". Assim, a alternativa está incorreta.
- d) Na frase, "Eu me **precavejo** dos resfriados com boa alimentação.", o verbo "precavejo" é incorreto, pois o verbo "precaver" é defectivo e não apresenta a forma de 1^a pessoa do singular no tempo presente do indicativo. Dessa maneira, o correto é usar uma expressão correspondente, como "procuro me precaver", "costumo me precaver". Logo, a alternativa está incorreta.
- e) O verbo "reaver" é derivado do verbo "haver". Dessa maneira, na frase "Nós **reouvemos** os objetos roubados na rua.", o verbo "reouvemos", derivado de "houvemos" está correto. Logo, a alternativa está correta.

Gabarito: E

Tempo e modo verbal

Questão 4

CESGRANRIO - Administrador Júnior (TRANSPETRO)/2011

Um pouco de silêncio

Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade.



Sob a pressão do ter de parecer, ter de participar, ter de adquirir, ter de qualquer coisa, assumimos uma infinidade de obrigações. Muitas desnecessárias, outras impossíveis, algumas que não combinam conosco nem nos interessam.

Não há perdão nem anistia para os que ficam de fora da ciranda: os que não se submetem mas questionam, os que pagam o preço de sua relativa autonomia, os que não se deixam escravizar, pelo menos sem alguma resistência.

O normal é ser atualizado, produtivo e bem-informado. É indispensável circular, estar enturmado. Quem não corre com a manada praticamente nem existe, se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho.

Acuados pelo relógio, pelos compromissos, pela opinião alheia, disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito hamsters que se alimentam de sua própria agitação.

Ficar sossegado é perigoso: pode parecer doença. Recolher-se em casa, ou dentro de si mesmo, ameaça quem leva um susto cada vez que examina sua alma.

Estar sozinho é considerado humilhante, sinal de que não se arrumou ninguém – como se amizade ou amor se “arrumasse” em loja. [...]

Além do desgosto pela solidão, temos horror à quietude. Logo pensamos em depressão: quem sabe terapia e antidepressivo? Criança que não brinca ou salta nem participa de atividades frenéticas está com algum problema.

O silêncio nos assusta por retumbar no vazio dentro de nós. Quando nada se move nem faz barulho, notamos as frestas pelas quais nos espionam coisas incômodas e mal resolvidas, ou se enxerga outro ângulo de nós mesmos. Nos damos conta de que não somos apenas figurinhas atarantadas correndo entre casa, trabalho e bar, praia ou campo.

Existe em nós, geralmente nem percebido e nada valorizado, algo além desse que paga contas, transa, ganha dinheiro, e come, envelhece, e um dia (mas isso é só para os outros!) vai morrer. Quem é esse que afinal sou eu? Quais seus desejos e medos, seus projetos e sonhos?

No susto que essa ideia provoca, queremos ruído, ruídos. Chegamos em casa e ligamos a televisão antes de largar a bolsa ou pasta. Não é para assistir a um programa: é pela distração.

Silêncio faz pensar, remexe águas paradas, trazendo à tona sabe Deus que desconcerto nosso. Com medo de ver quem – ou o que – somos, adia-se o defrontamento com nossa alma sem máscaras.

Mas, se a gente aprende a gostar um pouco de sossego, descobre – em si e no outro – regiões nem imaginadas, questões fascinantes e não necessariamente ruins.

Nunca esqueci a experiência de quando alguém botou a mão no meu ombro de criança e disse:

— Fica quietinha, um momento só, escuta a chuva chegando.

E ela chegou: intensa e lenta, tornando tudo singularmente novo. A quietude pode ser como essa chuva: nela a gente se refaz para voltar mais inteiro ao convívio, às tantas fases, às tarefas, aos amores.

Então, por favor, me deem isso: um pouco de silêncio bom para que eu escute o vento nas folhas, a chuva nas lajes, e tudo o que fala muito além das palavras de todos os textos e da música de todos os sentimentos.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 41. Adaptado.

A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é



- a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
- b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
- c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
- d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
- e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

Comentário:

- a) Em "O coordenador reveu as necessidades dos grupos.", o verbo "rever" (derivado de "ver") foi conjugado incorretamente, pois a forma correspondente à 3^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é "reviu" (derivada de "viu"). Assim, a alternativa está incorreta.
- b) A frase "A impaciência deteu as pessoas." apresenta a forma "deteu", todavia ela não está de acordo com os padrões da gramática. Por regra, o verbo "deter" na 3^a pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo é escrito da seguinte maneira: "deteve". Logo, a alternativa está incorreta.
- c) Em "Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido.", a conjugação correta do verbo "opor" na 3^a pessoa do singular do futuro no modo subjuntivo, que indica uma possibilidade futura, é "opuser". Assim, pode-se afirmar que a alternativa está incorreta.
- d) O verbo "apreciar" foi conjugado corretamente em "Nós apreciamos os bons alunos.", estando na forma de 1^a pessoa do plural do presente do indicativo. Portanto, a alternativa está correta.

Gabarito: D

Tempo e modo verbal

Questão 5

CESGRANRIO - Investigador Policial (PC RJ)

Ainda é cedo amor (Cartola)

Mal começaste a conhecer a vida

Já anuncias a hora da partida

Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção querida

Embora eu saiba que estás resolvida

Em cada esquina cai um pouco a sua vida

Em pouco tempo não serás mais o que és

Ouça-me bem, amor

Preste atenção o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó

Preste atenção querida
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés

Considere as seguintes formas verbais retiradas do texto: "anuncias", "Preste", "estás", "serás", "Ouça-me" e "tu herdarás". É correto afirmar que, no poema, estas formas:

- a) mantêm uniformidade no tratamento.
- b) referem-se à 2^a pessoa do singular quando no imperativo.
- c) referem-se à 3^a pessoa do singular quando no indicativo.
- d) desconsideram a norma culta na relação sujeito-verbo.
- e) revelam alternância de tratamento.

Comentário: observando as formas "anuncias"; "Preste"; "estás"; "serás"; "Ouça-me" e "tu herdarás" podemos concluir que elas se referem ao interlocutor do eu lírico do poema. Através das formas de indicativo "anuncias", "estás", "serás" e "tu herdarás", podemos verificar que o eu lírico trata o interlocutor por "tu", uma vez que as formas são referentes à 2^a pessoa do singular. Todavia, ao observarmos as formas de imperativo "preste" e "ouça-me", percebemos que a forma de tratamento empregada foi a de 3^a pessoa. Após essas considerações, vejamos as alternativas.

- a) Como foi possível verificar através do comentário inicial, os verbos não apresentam uniformidade de tratamento, vez que eles variam entre a 2^a e a 3^a pessoa. Logo, a alternativa está errada.
- b) Vimos inicialmente que as formas "anuncias", "estás", "serás" e "herdarás" referem-se à 2^a pessoa no indicativo, e não no imperativo. Assim, a alternativa está errada.
- c) Como foi possível verificar através do comentário inicial, as formas "Preste" e "Ouça-me" referem-se à 3^a pessoa no imperativo, e não no indicativo. Logo, a alternativa está errada.
- d) As formas "anuncias", "Preste", "estás", "serás", "Ouça-me" e "tu herdarás" estão de acordo com os preceitos da norma dita culta. Logo, a alternativa está errada.
- e) Conforme a explanação inicial, os verbos em questão variam entre a 2^a e a 3^a pessoa, havendo sim alternância de tratamento. Portanto, a alternativa está correta.

Gabarito: E

Tempo e modo verbal

Questão 6

CESGRANRIO - Profissional (LIQUIGÁS)/Júnior/Vendas/2018/Edital 01



A forma verbal em destaque está em DESACORDO com o que prevê a norma-padrão da língua em:

- a) Se a literatura **condisssesse** com a realidade, não seria literatura.
- b) A imprensa **medeia** a dialética que se estabelece entre ficção e realidade.
- c) Espera-se que as crianças **adiram** às propostas dos livros infanto-juvenis.
- d) Quando estava na escola, sempre **punha** um livro na mochila para ler no trajeto.
- e) Se **requiséssemos** novos livros, os alunos teriam uma biblioteca mais atualizada.

Comentário:

- a) Na frase "Se a literatura **condisssesse** com a realidade, não seria literatura", o verbo "condizer" foi adequadamente flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Logo, a alternativa está incorreta.
- b) Em "A imprensa **medeia** a dialética que se estabelece entre ficção e realidade.", o verbo destacado está de acordo com a norma, conjugado no presente do indicativo. Logo, a alternativa está incorreta.
- c) O verbo "aderir", em "Espera-se que as crianças **adiram** às propostas dos livros infanto-juvenis.", está corretamente conjugado no presente do subjuntivo. Assim, a alternativa está incorreta.
- d) Na frase "Quando estava na escola, sempre **punha** um livro na mochila para ler no trajeto.", o verbo "por" está conjugado corretamente na 1ª pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo. Logo, a alternativa está incorreta.
- e) Em "Se **requiséssemos** novos livros, os alunos teriam uma biblioteca mais atualizada.", a flexão destacada não está de acordo com os preceitos gramaticais. Muitos acham que "requerer" é derivado de "querer" e, por isso, fazem confusão na conjugação. Ocorre que a flexão correta do verbo "requerer" no pretérito imperfeito do subjuntivo e na 1ª pessoa do plural é "requerêsssemos". Destaca-se que, dessa maneira, há correlação verbal com "teriam", flexionado no futuro do pretérito do indicativo. Sendo assim, a alternativa está correta.

Gabarito: E

Tempo e modo verbal

Questão 7

CESGRANRIO - Técnico Administrativo (ANP)/2016

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saímos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.



Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: "Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: "Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

O emprego dos verbos destacados no trecho "Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**." mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriam os que se destacam em:

- a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.
- b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.
- c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.
- d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.
- e) Eu ficava **sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade estava **começando**.

Comentário: os verbos que se referem a uma ação praticada no passado e que aconteceu uma única vez (está concluída) encontram-se no tempo pretérito perfeito do modo indicativo. Vamos verificar, então, qual das opções apresenta verbos nesse tempo verbal.

Na frase "Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.", os verbos destacados não indicam ação concluída, já que estão conjugados no futuro do pretérito, mas sim demonstram ação hipotética que poderia ter ocorrido no passado. Assim, pode-se concluir que a alternativa está errada.

- b) Em "Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.", os verbos em destaque estão no pretérito perfeito, portanto indicam ação realizada e concluída no passado, fazendo referência a algo que se fez uma vez. Logo, a alternativa está correta.
- c) Em "Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.", os verbos estão no modo subjuntivo, indicando um acontecimento hipotético, algo que não ocorreu de fato. Logo, a alternativa está errada.
- d) Na frase "Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**." A forma verbal "sento" denota ação presente, ocorrida no momento da fala. A forma "comece" indica ação possível, estando no subjuntivo. Assim, vemos que a alternativa em questão está errada.



e) Em "Eu ficava **sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.", a locução verbal "ficava sentada" apresenta um verbo principal no pretérito imperfeito do indicativo, denotando uma ação frequente no passado, e não um fato que só ocorreu uma vez. Da mesma maneira, a locução "estava começando" não se refere a fato concluído no passado. Logo, a alternativa está errada.

Gabarito: B

Tempo e modo verbal

Questão 8

CESGRANRIO - Técnico Científico (BASA)/Medicina do Trabalho/2015

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;
- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;
- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;
- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.



A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. **Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador.** Revista Saúde Pública, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

O presente do indicativo, em “A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial” (l. 1), produz o seguinte efeito de sentido:

- a) aproxima o leitor do que é narrado.
- b) põe em dúvida o contexto histórico referido.
- c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.
- d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.
- e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

Comentário:

a) Na frase “A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial”, embora o verbo “surge” esteja no presente do indicativo, ele se refere a um fato passado, ocorrido na primeira metade do século XIX. Ocorre que, muitas vezes, o autor opta por empregar o presente do indicativo, referindo-se ao passado, para aproximar o fato de seus possíveis leitores. Esse recurso pode ser chamado de presente histórico. Portanto, alternativa correta.

- b) O uso de verbo no presente não põe em dúvida um contexto histórico. Assim, alternativa errada.
- c) O uso do presente, nesse caso, não confere valor de continuidade, uma vez que se refere a fato concluído no passado: surgimento da medicina. Logo, alternativa errada.
- d) O verbo destacado não dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX. Logo, alternativa errada.
- e) Mencionar quando a medicina do trabalho é iniciada com o emprego de “surge” não atribui valor anacrônico à referida ciência. Assim, alternativa errada.

Gabarito: A

Tempo e modo verbal

Questão 9

CESGRANRIO - Arquiteto e Urbanista (UNIRIO)/2016

O suor e a lágrima



Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o vôo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti. Uso-o pouco, em parte para poupar-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano, salgado como lágrima.

CONY, C. H. In: NESTROVSKI, A. (Org.). **Figuras do Brasil – 80 autores em 80 anos de Folha**. São Paulo: Publifolha. 2001. p. 319.

Em “**Fazia** calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41.”, o uso do pretérito imperfeito do indicativo busca

- a) estabelecer uma relação de causa e efeito.
- b) contextualizar o tempo da narrativa.
- c) introduzir uma ambiência de suspense.
- d) banalizar o calor que fazia no Rio.
- e) projetar uma possibilidade.

Comentário:

- a) Para estabelecer relação de causa e efeito, em geral, emprega-se conjunções/conectivos, e não verbos, como “fazia” o é. Assim, a alternativa está errada.
- b) O verbo “fazia” está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo e expressa um fato passado e



não concluído, indicando a sensação de calor que acontecia durante o momento em que se dava a ação da narrativa. Para tal, o verbo está empregado no tempo pretérito imperfeito, contextualizando que o fato ocorria no passado. Portanto, a alternativa está correta.

c) O uso do verbo no pretérito imperfeito, por si só, não introduz ambigüidade de suspense. Logo, a alternativa está errada.

d) O emprego do pretérito imperfeito do indicativo demonstra o calor que estava acontecendo no Rio no momento do fato narrado, não havendo banalização do calor com o uso de "Fazia". Assim, a alternativa está errada.

e) O verbo "fazia" está no pretérito imperfeito do indicativo, tempo que não projeta possibilidade. Logo, a alternativa está errada.

Gabarito: B

Tempo e modo verbal

Questão 10

CESGRANRIO - Segundo Oficial (TRANSPETRO)/Máquinas/2016

O velho olhando o mar

Meu carro para numa esquina da praia de Copacabana às 9h30 e vejo um velho vestido de branco numa cadeira de rodas olhando o mar a distância. Por ele passam pernas portentosas, reluzentes cabeleiras adolescentes e os bíceps de jovens surfistas. Mas ele permanece sentado olhando o mar a distância. [...]

O carro continua parado, o sinal fechado e o estupendo calor da vida batia de frente sobre mim. Tudo em torno era uma ávida solicitação dos sentidos. Por isso, paradoxalmente, fixei-me por um instante naquele corpo que parecia ancorado do outro lado das coisas. E sem fazer qualquer esforço comecei a imaginá-lo quando jovem. É um exercício estranho esse de começar a remoçar um corpo na imaginação, injetar movimento e desejo nos seus músculos, acelerando nele, de novo, a avaréza de viver cada instante.

A gente tem a leviandade de achar que os velhos nasceram velhos, que estão ali apenas para assistir ao nosso crescimento. Me lembro que, menino, ao ver um velho parente relatar fatos de sua juventude, tinha sempre a sensação de que ele estava inventando uma estória para me convencer de alguma coisa.

No entanto, aquele velho que vejo na esquina da praia de Copacabana deve ter sido jovem algum dia, em alguma outra praia, nos braços de algum amor, bebendo e farreando irresponsavelmente e achando que o estoque da vida era ilimitado.

Teria ele algum desejo ao olhar as coxas das banhistas que passam? Olhando alguma delas teria se posto a lembrar de outros corpos que conheceu? Os que por ele passam poderiam supor que ele fazia maravilhas na cama ou nas pistas de dança? [...]

Ele está ali, eu no meu carro, e me dou conta de que um número crescente de amigos e conhecidos tem me pronunciado a palavra "aposentadoria" ultimamente. Isso é uma síndrome grave. Em breve estarei cercado de aposentados e forçosamente me aposentarão. Então, imagino, vou passear de short branco e boné pelo calçadão da praia, fingindo ser um almirante aposentado, aproveitando o sol mais ameno das 9h30 até cair sentado numa cadeira e ficar olhando o mar. [...]



Meu carro, no entanto, continua parado no sinal da praia de Copacabana. O carro apenas, porque a imaginação, entre o sinal vermelho e o verde, viajou intensamente. Vou ter de deixar ali o velho e sua acompanhante olhando o mar por mim. Vou viver a vida por ele, me iludir de que no escritório transformo o mundo com telefonemas, projetos e papéis. Um dia talvez esteja naquela cadeira olhando o mar a distância, a vida distante.

Mas que ao olhar para dentro eu tenha muito que rever e contemplar. Nesse caso não me importarei que o moço que estiver no seu carro parado no sinal imagine coisas sobre mim. Estarei olhando o mar, o mar interior, e terei navegantes alegrias que nenhum passante compreenderá.

SANT'ANNA, A. R. *Coleção melhores crônicas* –

Affonso Romano de Sant'Anna. Seleção e prefácio: Letícia Malard. São Paulo: Global, 2003.

O verbo *ver* apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, como se vê no texto: “vejo um velho”. Um outro verbo que apresenta irregularidade nessas circunstâncias é:

- a) viver
- b) bater
- c) imaginar
- d) fazer
- e) olhar

Comentário: para que um verbo seja considerado irregular, ele deve sofrer alteração em seu radical em alguma de suas conjugações. Lembremos, também, que o radical é encontrado ao se retirar a vogal temática e a desinência de infinitivo (r) do verbo. Agora, vejamos as opções.

- a) O verbo “viver” forma a 1ª pessoa com o acréscimo da terminação “o” ao radical regular “viv”: eu vivo. Assim, não ocorre a irregularidade. Logo, a alternativa está errada.
- b) O verbo “bater” é conjugado “bato” (bat + o) na 1ª pessoa do singular, o que nos permite concluir que não há irregularidade. Assim, a alternativa está incorreta.
- c) O verbo “imaginar” é conjugado, na 1ª pessoa do singular, “imagine”, com a utilização de um radical que é regular (imag + o). Percebe-se claramente que não há irregularidade. Portanto, a alternativa está incorreta.
- d) A forma “fazer” é flexionada “faço” na 1ª pessoa do singular. Como se pode notar, há uma variação no radical do verbo, pois o acréscimo da desinência temporal não se dá a partir de “faz”, mas de “faç”. Dessa maneira, pode-se dizer que a alternativa está correta.
- e) O verbo “olhar” é regular, formando a primeira pessoa do plural da seguinte maneira: “olho” (olh + o). Logo, a alternativa está incorreta.

Gabarito: D



7 - REVISÃO ESTRATÉGICA

7.1 PERGUNTAS

1. Os modos verbais variam de acordo com a posição do falante em relação à ação expressa pelo verbo. Cite os tipos de modos verbais.
2. De acordo com o contexto em que estiverem inseridas, as palavras na língua portuguesa podem expressar diferentes significados e/ou circunstâncias, o mesmo acontece com os verbos. Ciente disso, discorra sobre o que expressam, no geral, os verbos no modo indicativo e o que expressam os verbos no modo subjuntivo.
3. O modo indicativo possui 6 tempos verbais diferentes. Cite esses tempos verbais.
4. Cite os tempos verbais do modo subjuntivo.
5. Em que circunstâncias os falantes do português empregam os verbos no modo imperativo na sua comunicação?
6. Conceitue verbos nacionais.
7. Além de verbos não-nacionais, quais as outras nomenclaturas pelas quais os verbos de ligação também são identificados e o que eles indicam?
8. Os verbos no modo imperativo negativo têm como base o presente do subjuntivo e, para a sua formação, necessita de um advérbio que indique negação. Como ficaria, então, a conjugação do verbo fazer no modo imperativo negativo?
9. No modo imperativo afirmativo, os verbos são conjugados com base no presente do subjuntivo, com exceção da segunda pessoa do plural e da segunda pessoa do singular, que são formadas com base na conjugação dos verbos no presente do indicativo, porém sem o s final (tu estudas/ vós estudais -> estuda tu/ estudai vós). Ciente disso, faça a conjugação do verbo trazer no modo imperativo afirmativo.
10. Vimos que não há conjugação dos verbos no modo imperativo na primeira pessoa do singular. Por que isso ocorre?

7.2 PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Os modos verbais variam de acordo com a posição do falante em relação à ação expressa pelo verbo. Cite os tipos de modos verbais.
São três: modo indicativo, modo subjuntivo e modo imperativo.
2. De acordo com o contexto em que estiverem inseridas, as palavras na língua portuguesa podem expressar diferentes significados e/ou circunstâncias, o mesmo acontece com os verbos. Ciente disso, discorra sobre o que expressam, no geral, os verbos no modo indicativo e o que expressam os verbos no modo subjuntivo.



O verbo aplicado no modo indicativo expressa ações certas, realizadas, fatos. Já no modo subjuntivo expressam hipótese, dúvida, ações desejadas.

3. O modo indicativo possui 6 tempos verbais diferentes. Cite esses tempos verbais.

O modo indicativo possui os seguintes tempos verbais: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

4. Cite os tempos verbais do modo subjuntivo.

Existem as formas simples do modo subjuntivo e as formas compostas. São as simples: presente do subjuntivo; pretérito imperfeito do subjuntivo; futuro do subjuntivo. E as compostas: pretérito perfeito composto do subjuntivo; pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo; futuro composto do subjuntivo.

5. Em que circunstâncias os falantes do português empregam os verbos no modo imperativo na sua comunicação?

Quando emprega verbos no modo imperativo, o falante tem a intenção de levar o seu interlocutor a realizar uma ação, expressando o que quer que ele faça através de uma ordem ou de um conselho.

6. Conceitue verbos nacionais.

Os verbos nacionais são os verbos que expressam ação no contexto em que estiverem inseridos.

7. Além de verbos não-nacionais, quais as outras nomenclaturas pelas quais os verbos de ligação também são identificados e o que eles indicam?

Os verbos de ligação são também chamados de verbos de estado, de verbos copulativos ou de verbos relacionais e indicam um estado, fazendo a ligação entre o sujeito e suas características.

8. Os verbos no modo imperativo negativo têm como base o presente do subjuntivo e, para a sua formação, necessita de um advérbio que indique negação. Como ficaria, então, a conjugação do verbo fazer no modo imperativo negativo?

Não faças tu / não faça você / não façamos nós / não façais vós / não façam vocês

9. No modo imperativo afirmativo, os verbos são conjugados com base no presente do subjuntivo, com exceção da segunda pessoa do plural e da segunda pessoa do singular, que são formadas com base na conjugação dos verbos no presente do indicativo, porém sem o s final (tu estudas/ vós estudais -> estuda tu/ estudai vós). Ciente disso, faça a conjugação do verbo trazer no modo imperativo afirmativo.

Traz tu* / traga você / tragamos nós / trazei vós / tragam vocês



* Atenção! Aqui, por uma questão de sonoridade, foi retirado não somente o s final, mas o es, ou seja, no lugar de traze tu, ficou traz tu.

10. Vimos que não há conjugação dos verbos no modo imperativo na primeira pessoa do singular. Por que isso ocorre?

Isso ocorre porque, como vimos, os verbos no imperativo expressam ordem, conselho e não usual que alguém de ordens a si mesmo.

Pessoal, chegamos ao final desta aula. Façam uma boa revisão dos conceitos vistos hoje para gabaritarem as provas de Língua Portuguesa. Na próxima aula, continuaremos avançando gradativamente, de modo a visitar cada tópico cobrado pela banca examinadora. Estejam atentos aos **percentuais estatísticos** de cobrança para direcionarem seus estudos, ok?

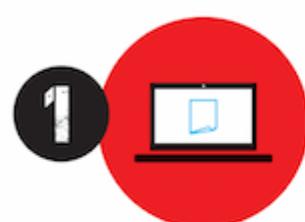
Forte abraço!

Prof. Carlos Roberto



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7

Concursado(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.